

A arte como um convite para outras urbanidades*

Camila Nolasco ¹

¹ Universidade Federal de São João del Rei

RESUMO

O presente trabalho apresenta discussões que embasaram a criação de uma instalação coletiva abordando questões ligadas à arte, urbanidade, sustentabilidade e algumas discussões teóricas sobre o método, o processo de criação em arte, a transdisciplinaridade e suas relações com ArteCiência. Como estes debates moldaram o processo de criação da obra num primeiro momento e as discussões promovidas posteriormente. O observador como parte ativa da própria obra e a relação entre projetos artísticos e urbanos contextualizam a discussão. Assim, tem-se como pergunta guia a questão da possibilidade de corpos diferentes habitarem o mesmo espaço em harmonia, sendo esses corpos pessoas, coisas, e até mesmo lugares, tanto na escala do evento artístico, da efemeridade, quanto na escala da cidade. A experiência de desenvolver esta obra abre novas possibilidades de pensar, de ver e, conseqüentemente, de fazer, tanto no campo das artes como no campo do planejamento urbano.

Palavras chave: transdisciplinaridade, método, arte, urbanidade, planejamento urbano.

ABSTRACT

This paper presents discussions that supported the creation of a collective installation addressing issues related to art, urbanity, sustainability and some theoretical discussions about the method, the process of creation in art, transdisciplinarity and its relations with ArtScience. How these debates shaped the creative process of the work at first and the discussion promoted later. The observer as an active part of the work itself and the relation between artistic and urban projects contextualize the discussion. Thereby, the guiding question is about the possibility of different bodies inhabiting the same space in harmony, these bodies being people, things, and even places, both in the scale of the artistic event, the ephemerality, and the scale of the city. The experience of developing this work opens up new possibilities for thinking, seeing and, consequently, doing both in the arts and urban planning.

Keywords: transdisciplinarity, method, art, urbanity, urban planning.

*Trabalho realizado como parte da disciplina “Teoria Crítica da Ação Interdisciplinar”, parte do Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade (PIPAUS) – Universidade Federal de São João del Rei (UFSJ) – e vinculado ao Grupo de Pesquisa “Intervenções Efêmeras em Contextos Urbanos”, coordenado pela Prof^ª Dr^ª Adriana Gomes do Nascimento.

1. Introdução

A obra e todo seu processo de criação a serem descritos a seguir aconteceram dentro da IV Mostra Vestígios, um evento anual que reúne obras coletivas resultantes de processos antropofágicos e retro antropofágicos de ideias e articulações para pensar e agir. Em sua quarta edição, a mostra foi palco de anseios coletivos de cunho denunciante ligados a questões ambientais, feministas e sociais que moldam nosso cotidiano. A inspiração partiu do conceito de arteciência (NICOLESCU, 1999), algo

que não é arte e nem é ciência, mas sim um terceiro fator nessa equação, encorajando a transdisciplinaridade e a prática contra métodos pré-estabelecidos, muitas vezes rígidos e com pouco espaço para experimentações artísticas processuais.

As obras exibidas eram independentes, mas transpassavam alguns temas comuns, frutos de discussões coletivas promovidas durante o processo de articulação do evento, como a violência contra a mulher e novos modos de olhar, assim ocupavam o mesmo espaço de forma harmônica, mas sem se confundirem umas com as outras, estando claro onde começa e onde termina cada uma na sua individualidade. Uma primeira pista de que coisas diferentes podem co-ocupar em equilíbrio. Mas como essa experiência pode se refletir na escala urbana?

2. A Obra: APARTE e suas implicações

A obra produzida pela autora com mais duas pessoas será guia para as discussões que serão traçadas neste trabalho, portanto, é importante revelar as especificidades de seu processo de criação, que resulta numa instalação interativa.

Na própria etiqueta de identificação da obra, lê-se “eu chego, caminho, atravesso, faço parte” (NOLASCO; SILVA; SANTOS, 2019). A escolha de se começar a descrição em primeira pessoa não é por acaso. Pretende-se instigar o espectador a se colocar na história que a obra conta e, além disso, mostrar que ele próprio é coautor do que acontece na própria instalação.

O nome APARTE foi escolhido pensando nos trocadilhos que podem gerar, podendo significar algo que está “à parte” da própria mostra, pelo posicionamento escolhido para a instalação no local do evento. Também se pode ler “a parte” como um componente da exposição, ou ainda pressupor a ideia de “à partir”, pois é uma instalação que permite ao espectador observar a mostra à partir da própria obra.

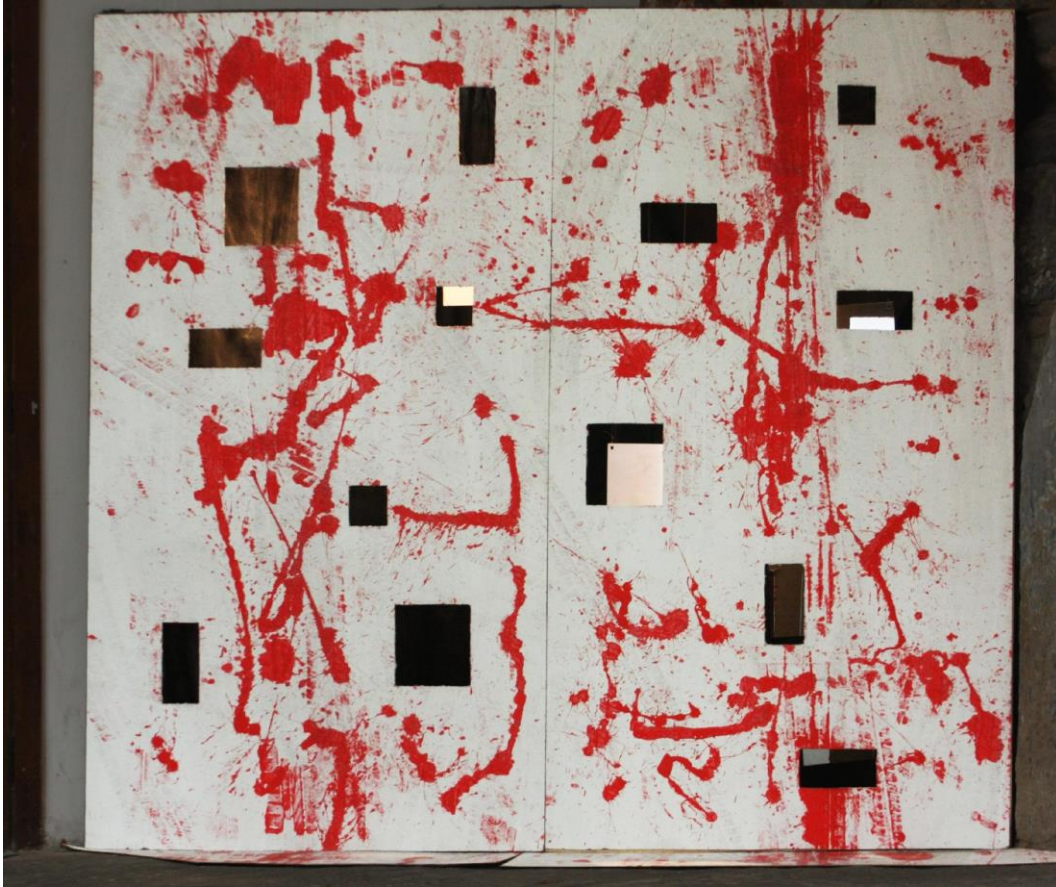


Figura 1. APARTE, 2019 – IV Mostra Vestígios.

A obra – Fig. (1) - é composta por uma caixa triangular de dois metros de altura que ocupa um dos cantos do Centro Cultural da Universidade Federal de São João del Rei, espaço que abrigou a IV Mostra Vestígios. Assim como a obra “Seção diagonal” (Marcius Galan, 2008 - Inhotim) – Fig. (2) -, a ocupação diagonal foi escolhida, não havendo assim quebras, curvas ou variação de volume em sua parte frontal. Ambas sugerem uma relação ativa com o observador e um deslocamento de percepção que faz o espectador reavaliar sua presença naquele espaço.



Figura 2. Seção diagonal, 2008 (Marcius Galan) - Inhotim. Foto: Edouard Fraipont.

A parede frontal dispõe de aberturas de diferentes tamanhos, quadradas e retangulares, que permite ao espectador se aproximar e olhar para a parte de dentro,

forrada com pano preto em suas laterais, chão e teto, na qual estão espalhados alguns espelhos também quadrados e retangulares que fazem par com cada abertura. Os espelhos são dependurados na parte superior e a posição de cada um foi calculada para que ao olhar por cada abertura o observador se deparasse com as imagens refletidas. Algumas aberturas dão para espelhos que refletem a própria pessoa que o observa, outros refletem imagens através das próprias aberturas, permitindo que o espectador veja outras obras do evento por dentro da própria obra APARTE.



Figura 3. APARTE, 2019 – IV Mostra Vestígios.

A parte frontal conta ainda com outro elemento, marcas de pneu na cor vermelha, fruto de uma intervenção realizada previamente dentro do processo de criação da obra final – Fig. (4) -. A estrutura foi pintada de branco e posicionada sobre a rua, em um local de passagem de carros e bicicletas. A cor vermelha foi escolhida por remeter ao sangue, e as marcas de pneu se relacionam à denúncia dos inúmeros acidentes rodoviários que acontecem diariamente. A tinta vermelha foi jogada sobre as placas, que estavam ali como uma tela em branco pronta para ser preenchida. Quando os veículos passavam, deixavam suas marcas sobre a tela. Vestígios que, ao final, fizeram parte da instalação. Outro indício de que a obra era também feita por aqueles que passaram e passam por ela em algum momento, tanto de seu processo quanto de sua exibição.



Figura 4. Intervenção como parte da obra APARTE, 2019 – IV Mostra Vestígios.

(...) APARTE é um convite para olhar diferente. Através das marcas que deixamos, vemos o que somos. Um convite para olhar através do que acontece em outras perspectivas. Ver a si abre caminhos para outros olhares. Olhar o outro. Vejo e sou visto, deixo minha marca, fragmentos do cotidiano transformados em reflexos. A luz percorre um caminho auto reflexivo, emoldurada por uma diagonal marcada por rastros. O movimento da roda é o verdadeiro pincel, mas aqui a interatividade é estática e deixa uma pergunta: quais marcas te trouxeram até aqui? (NOLASCO; SILVA; SANTOS, 2019).

Além da denúncia dos acidentes, representados pelas marcas de “sangue” nas placas, a obra convida para uma autorreflexão. Ao se observar nos espelhos, que ali estão quase como molduras, o espectador é instigado a pensar no que ele vê além daquelas marcas que ali estão, ou ainda além das próprias marcas que cada um deixa nos caminhos que percorre. Para então pensar em quais marcas as pessoas gostariam de deixar por onde passam, seja no sentido físico e concreto ou num sentido mais poético e abstrato.

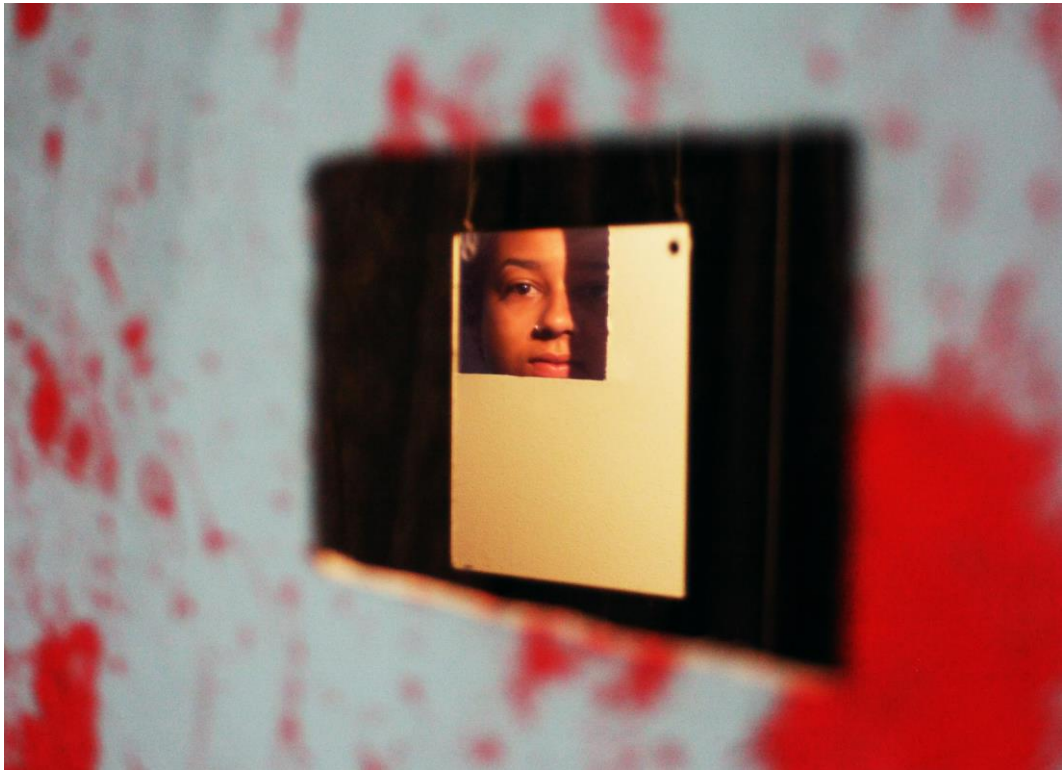


Figura 5. APARTE, 2019 – IV Mostra Vestígios.

Tem-se assim uma mensagem de estímulo para novos olhares sobre o que temos à nossa volta e um convite para além de olhar diferente, ou seja, para ver o - e ser visto no - lugar do outro. Conduzindo a um pensamento acolhedor das diferenças, mostrando possibilidades de co-ocupação harmoniosa dentro do próprio evento da mostra.

Há ainda uma tentativa clara de praticar o educador como aprendiz (FREIRE, 1996), não como aquele que detém o conhecimento e uma verdade, mas também como ator ativo no processo de produção de saberes. O pesquisador como parte da sua própria pesquisa, na qual se encaixa de maneira íntima e, ao mesmo tempo, também está encaixado nela mesma. Ou seja, como o observador influencia e está influenciado pelo objeto (FEYRABEND, 1977), como temos o exemplo do experimento do “Gato de Schrödinger” (1935), no qual o resultado depende diretamente do ato de observar ou não.

Quando o espectador se vê como parte da instalação temos a relação do espectador com o resultado final, assim como a influência também reversa do resultado final influenciando o próprio observador, que muitas vezes se encontra mudando sua posição para enxergar outros reflexos dentro da obra. Têm-se ainda as diferentes formas de se observar uma mesma coisa. Na obra algumas aberturas estão mais baixas, assim, pessoas mais baixas, como crianças, podem enxergar coisas que pessoas mais altas, como os adultos não enxergariam sem um esforço prévio, no caso, eles precisam reposicionar seus corpos para enxergar além do que podem ver normalmente em seu conforto. Assim, APARTE concretiza seu convite para novas perspectivas e abre espaço para a discussão na escala do espaço urbano.

Como e de onde vemos nossas cidades, nossos bairros e nossas ruas? Olhar de uma nova perspectiva potencializa e enriquece os projetos urbanos, dando-lhes mais chance de sucesso, desde sua execução aos seus usos individuais e coletivos no futuro.

Este sucesso está ligado à qualidade de vida de seus usuários, ao seu bem estar no meio urbano.

Sabemos que hoje enfrentamos muitas questões problemáticas ligadas às cidades no mundo capitalista, como aumento do estresse e do alto índice de doenças psicológicas em geral. Fazendo um recorte em escala social, podemos perceber que os primeiros e os mais afetados são os que estão nas classes de renda mais baixa. A classe trabalhadora, por exemplo, gasta tanto tempo para se deslocar entre casa-trabalho-casa que não lhes sobra tempo para lazer, para estar com suas famílias e muitas vezes para ter seu descanso ao final do dia. Este é um problema que está intrinsecamente ligado à mobilidade urbana.

Esse problema complexo e multifacetado não é novo nas áreas de planejamento urbano, arquitetura e urbanismo ou gestão pública, mas ainda não se tem uma solução concreta e efetiva para a maioria das cidades do país.

Assim como a obra APARTE, este trabalho também é um convite para olhar e pensar diferente. Buscar novas perspectivas de análise urbana, por exemplo, criando, assim, novas camadas de investigação que podem ajudar a encontrar soluções para os problemas urbanos contemporâneos.

3. Conclusão

Assim como as discussões coletivas se refletiram na composição da IV Mostra Vestígios, o espaço urbano também é um reflexo da sociedade e seus pensamentos. Para o evento, houve um forte incentivo para o pensar de modo coletivo, o que foi chamado de antropofagia e retro antropofagia, no qual a ideia individual era colocada em voga para ser debatida e enriquecida pela visão do outro, depois voltava para a escala individual e assim ia se construindo até chegar ao resultado final da mostra.

O incentivo à diversidade estava presente e foi um dos grandes responsáveis pela harmonia da composição final, o respeito foi sendo construído em conjunto com todo o processo participativo de elaboração do evento. Assim, temos uma forte evidência de que processos participativos, que envolvam os agentes que usam o espaço de alguma forma, têm grandes chances de sucesso no que se refere à uma co-ocupação harmoniosa.

Na escala da Mostra Vestígios isso resultou em obras que, apesar de terem suas características individuais bem marcadas, ainda tinham um equilíbrio coletivo que dava sentido para o todo.

Assim como a cidade é a grande causadora de questões problemáticas levantadas anteriormente, ela também pode ser a solução. Como um palco no qual os debates aconteçam, tanto literalmente, como a *Ágora* na Grécia antiga, como de forma mais poética, ou seja, espaços que sejam convidativos para uma vida coletiva, que incluam metodologias participativas em seu processo de planejamento e integrem outras perspectivas e a perspectiva do outro.

Na obra APARTE foi possível perceber que algumas pessoas que passavam por ela acabavam interagindo de forma não prevista pelas autoras, no fim foram esses imprevistos que tornaram a experiência da mostra mais rica e complexa. Assim também é no espaço urbano, no qual a “arquitetura não é apenas um edifício: ela é a relação entre um objeto e seus ocupantes” (HILL in SILKE, BALTAZAR, 2006), e por isso também está submetida às reações humanas individuais daqueles que usufruem do espaço.

Não é possível controlar o que as pessoas vão - ou devem - fazer com e no espaço urbano, assim como foi na obra APARTE, mas é possível fazer projetos que sejam convidativos. No caso em epígrafe, a obra na IV Mostra Vestígios, convidava para novos olhares, novas formas de pensar, mas um projeto urbano pode potencializar o convite para o respeito à diversidade dos seus agentes, assim, concretizando o convite também para um cotidiano melhor.

Referências

- NICOLESCU, Basarab, **O Manifesto da Transdisciplinaridade**. Triom: São Paulo, 1999.
- NOLASCO, Camila; SILVA, Deborah; SANTOS, Annakelly. **APARTE**. 2019. Ficha técnica - IV Mostra Vestígios, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (coleção Leitura)
- FEYERABEND, Paul. **Contra o Método**. 3ªed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- SILKE, Kapp; BALTAZAR, Ana Paula. Por uma arquitetura não planejada: o arquiteto como designer de interfaces e o usuário como produtor de espaços. **Impulso**, v. 17, p. 93-104, 2006.